

# Cadernos CulturAche

ADEPAC: Cultura, Tradições e Costumes

Este suplemento é parte integrante do Boletim Informativo CulturAche -N.º 199 - Outubro 2021  
Coordenação: Adalgisa Dias 



## Quais as razões que levaram ao fracasso do Golpe de 25 de novembro de 1975?

### Resumo

Esta pergunta orientará a investigação, que seguirá uma abordagem histórica, através um método cronológico, sobre a análise do PREC e do ‘Verão Quente’, fruto das radicalizações ideológicas no interior do MFA. Este apoia movimentos de esquerda, o ‘gonçalvismo’ e alguma extrema-esquerda, entrando em confronto político com a direita e o centro-esquerda. Procura-se encontrar razões que forçaram este golpe e da existência de duas interpretações sobre o mesmo. Se houve mau aprestamento e desorganização com o abandono das principais figuras ou capacidade de os opositores forçarem o adversário, que já denotava dificuldades, a comparecer no terreno, a fim de o derrotar. Pretende-se, igualmente, perceber o seu impacto na imprensa, o papel de atores a nível internacional, das instituições ligadas a Portugal e ainda o comportamento de uma população que, apesar da sua aliança na revolução com o MFA, rejeitou aventureirismos, abortando o que poderia ter sido uma guerra civil. Verificar ainda se a propalada ‘Aliança Povo-MFA’ se foi esbatendo, gorando as expectativas dos organizadores do golpe, que contavam com

o apoio popular, o que, conjugado com o abandono de alguns dos protagonistas principais, veio a resultar no insucesso do golpe.

### Revisão da literatura

A partir de 1975 e na sequência do golpe falhado de 11 de março, pelas forças da extrema-direita, veem ao de cima as crispações e divergências quanto ao rumo a seguir quer dos militares que incorporam o MFA e o Conselho da Revolução quer de outros protagonistas da revolução que se encontravam fora destes movimentos.

“Entre 1974 e 1976, vive-se em Portugal um período de transição pré-constitucional dominado por ambiente ideológico esquerdizante fruto de uma recentragem - utópica e libertária - à esquerda” (Mendes, 2020:174). A população olhava com admiração a instituição militar já que esta a libertara de um jugo com 48 anos. A aliança ‘Povo-MFA’ era exaltada. Por outro lado, associado a estes fenómenos, devido a uma maior participação no processo democrático, crescem algumas divisões com o aumento do poder reivindicativo através de manifestações e greves.

Contudo uma maioria da população apoia as

forças políticas liderada pelo PS, PPD e os militares moderadas, que defendem, acima de tudo, a continuação do processo democrático.

O PREC e o “Verão Quente”, decorrentes do 11 de março de 1975, vão instalar uma radicalização ideológica à esquerda através dos Governos provisórios de Vasco Gonçalves apoiados pelo PCP. As tensões no MFA e o apoio de alguns dos seus elementos a projetos de esquerda radical vão levar ao golpe do 25 de novembro de 1975.

A literatura revela alguma discordância sobre como este golpe foi organizado e das razões que o motivaram ou forçaram. Sobre as desistências, pelo menos das figuras principais, há poucos esclarecimentos e algumas ambiguidades. Cunhal afirma “(...) que, não existia, do lado dos comunistas, uma cadeia de comando militar, um plano, uma organização ou poder para avançar. Segundo Cervelló, (...) a esquerda militar cria uma espécie de ‘diretório’ (...) um grupo político-militar (...) que mantinha frequentes contactos com o PCP (...)” (Reis, 2016:51). Acerca da possibilidade de uma guerra civil alguns autores defendem que existiu uma “contrarrevolução mansa que se estabeleceu com a “normalização democrática”. Para outros, mantém-se a dúvida e questionam se “(...) houve ou não uma tentativa de golpe de Estado (...) e quais os seus autores?” (Rosas, 2014/15: 13).

Mantem-se uma incerteza que nem esclarece quem foram os autores do golpe nem evidencia se o mesmo esteve ou não para se concretizar, em face das desistências já que receavam enfrentar os “their opponents who were prepared to fight back” (Castanho, 2015:24). Talvez por isso um semanário da altura anunciava em título nas suas páginas, “Um golpe descomandado” (DN, 25.11.1975). As primeiras páginas dos Diários de Notícias (25.11.1975, p.2) e Expresso

(01.12.1975, p.1) espelham essas divergências insanáveis, enquanto evidenciavam a desorientação dos protagonistas do golpe.

Há ainda quem acrescente que os acontecimentos trouxeram “a consolidação do regime democrático-liberal em Portugal” (Varela, 2012:420). A ideia subjacente ao golpe é que tudo não passou de um processo político-militar com uma fraca e rápida confrontação entre uma esquerda utópica de um lado e as forças moderadas vencedoras do outro. A literatura revela ainda que existem duas interpretações distintas face às razões que levaram ao fracasso do golpe de 25 de novembro: uma que se centra na desorganização, falta de liderança, mau aprestamento do golpe e da desistência dos protagonistas principais; e, outra, que destaca as ações das forças moderadas, civis e militares, que “iniciaram acções tendentes a provocar o adversário para o obrigar a responder ou então a perder por falta de comparência” (Varela, 2012:420). Esta razão é abordada também por outros autores, concluindo que “a Esquerda Revolucionária Militar respondeu à última provocação do campo oposto” (Cruzeiro, 2001: ponto 6).

Costa Gomes liderou a crise, conseguiu gerar consensos que evitaram um mal maior, Melo Antunes do Grupo dos Nove (dos moderados), Ramalho Eanes e Vasco Lourenço em conjunto com o PS e PPD encontraram formas de unir esforços na consolidação do processo democrático. Vasco Gonçalves demite-se e o PCP ‘reabilita-se’ para se manter no processo político da democracia.

Do ponto de vista teórico, segundo William Thompson (1975), a força dos golpes militares abrange uma ampla gama de abordagens e focos analíticos, envolvendo questões que tratam de dois níveis básicos de análise: o sistema sociopolítico e o subsistema militar.

Características essas ou atributos do sistema/

subsistema em que se acredita que facilitam ou dificultam a ocorrência de golpes. E, nessa conformidade, a política de golpes pode ser generalizada através de um processo de vulnerabilidade do regime, e que estes se desenvolvem quando as estruturas e líderes governamentais perderam ou estão em processo de perder as bases de apoio político além do militar. A estas associa-se a falta de suporte do regime em face dos baixos níveis de desenvolvimento económico, de mobilização social e de ordem pública, a que se aliam ainda a alguns pontos fracos na organização militar, como as clivagens internas e a falta de coesão. Todavia as motivações ou da falta delas sobre o golpe ainda estão pouco explícitas na literatura, bem como a ausência de conhecimento sobre pensamento da extrema-esquerda, face às múltiplas fações no interior deste movimento revolucionário. Acrescenta-se ainda alguma controvérsia em volta da interpretação dos factos históricos e dos protagonistas do golpe de 25 de novembro de 1975.

### **Descrição dos acontecimentos**

#### **Quais as razões que levaram ao fracasso do Golpe de 25 de novembro de 1975?**

O objetivo geral a que propomos é identificar as razões que levaram ao golpe de 25 de novembro de 1975 e contribuir para a clarificação das distintas interpretações sobre o fracasso do mesmo.

- Analisar as clivagens e falta de coesão no interior do MFA, as razões que levaram ao alheamento de algumas figuras de relevo, que abandonaram o processo e perceber motivos que geraram desconfianças por parte de personalidades do Conselho da Revolução;
- Compreender os movimentos sociais, a imprensa e o contexto internacional na sua interação com o clima que se vivia em Portugal (a perspetiva de uma guerra civil que, poderá nunca ter estado imi-

nente);

Perceber se houve planos dos mentores do golpe ou a sua inexistência deriva de não encontrarem condições para o realizarem com sucesso ou ainda a perceção de que a direita e o centro-esquerda os puxavam para uma armadilha. Por fim, a missão impossível de encontrar derrotados.

Porém, face às lacunas encontradas na literatura, importa esclarecer um conjunto de outras questões por forma a cumprir os objetivos de investigação acima definidos.

O 25 de Novembro cruza-se numa multiplicidade de acontecimentos com o sistema político, militar, social e internacional. É um processo que levanta sempre muitas dúvidas na sua abordagem e tem 'leituras' diferentes por parte da literatura que se debruça sobre o assunto. Existe a continuidade de uma questão central sobre se houve ou não uma tentativa de golpe de Estado. E a existir quem foram os seus autores, o que motivou o seu abandono e, acima de tudo, quem deu a ordem para os para-quadristas saírem.

Mantem-se a polémica sobre se foi uma tentativa de golpe ou uma clarificação da vida político-militar portuguesa. Há um conjunto de protagonistas no interior do MFA que vão tomando opções radicais durante o PREC e o 'Verão Quente' de 1975, assumindo uma radicalização ideológica liderada no terreno pelos governos provisórios gonçalvistas apoiados pelo PCP. Alguns militares moderados, como Melo Antunes do 'Grupo dos Nove', Vasco Lourenço e Eanes entre outros, em conjunto com o PS de Mário Soares, preferencialmente, e PPD de Sá Carneiro, são oposição ao movimento da esquerda e da extrema-esquerda que se começa a desenvolver a partir do MFA e do Conselho da Revolução. É, por isso, necessário problematizar os comportamentos, decorrentes desta ação, dos conselheiros da Revolução, do

Presidente da República Costa Gomes e da demissão de Otelo de comandante da Região Militar de Lisboa.

Importa, também, questionar a importância dos atores internacionais, considerando que existia uma preocupação clara dos EUA e da Europa Ocidental, em plena Guerra Fria, no apoio da Rússia, embora não assumido totalmente, no decurso do PREC à ‘aliança’ MFA-PCP liderada pelos Governos Provisórios de Vasco Gonçalves. Existe também um crescente interesse dos Estados Unidos e da Europa Ocidental no desenvolvimento político em Portugal, que fica a dever-se à participação deste no sistema de defesa da NATO. Para além disso, existiam canais de comunicação já estabelecidos em instituições europeias e comércio bilateral – NATO, EFTA e CEE, que ligavam Portugal ao mundo.

Na dimensão político-ideológica, estava em causa a escolha de um modelo de regime político, sendo fundamental identificar as fações existentes no MFA e o debate político entre elas. Melo Antunes defende uma democracia pró-Ocidental ao mesmo tempo que lança um desafio aos radicais do MFA, afirmando que as forças moderadas estão preparadas para resistir ao golpe. Vasco Lourenço e Eanes têm a mesma opinião, mantendo este grupo contatos preferenciais com o PS (Reis, 2016:50). Vai-se definindo uma clara maioria que se opõe ao golpe e que não deseja entrar numa possível guerra civil. Neste âmbito, questiona-se a importância da comunicação social, uma vez que ocorrem vários conflitos, nomeadamente com o jornal República e saneamentos no Diário de Notícias, Emissora Nacional, Rádio Nascença e RTP.

Fica a pairar a dúvida se houve ou não tentativa de golpe. Dos seus principais mentores sabe-se pouco. Os que são acusados de abandonar o projeto desmentem a sua participação. Sobre os pla-

nos ou não existiram ou encontram-se incompletos ou ainda “(...) havia planos a mais e chefes a menos” (Cruzeiro, 2005: ponto 1). Transparece grande desorganização no comando de uma operação que não encontra os apoios desejados e para mais a ‘Aliança Povo-MFA’ não funcionou a seu favor. Perante esta situação, ganha força a tese da armadilha montada pelos opositores ao golpe, que forçaram o adversário a comparecer, mesmo sem já evidenciar capacidade, a fim de o derrotar em campo. Estes encontravam-se organizados, tinham apoios e pretendiam uma clarificação político-militar num processo inequívoco para um caminho democrático. Irão vencer e assinar o segundo pacto com o MFA em fevereiro de 1976.

As relações entre as múltiplas componentes do problema serão abordadas através de uma metodologia histórica, de base descritiva e explicativa, recorrendo a análise documental (fontes primárias, em particular o conteúdo da imprensa da época, e secundárias, como biografias e relatos de história oral) e bibliográfica. Na bibliografia, foi utilizada a literatura existente sobre este momento histórico em Portugal, bem como sobre o papel dos atores internacionais no período em análise.

Esta investigação pretende, assim, verificar a seguinte hipótese de trabalho: se a ‘Aliança MFA-Povo’ se foi diluindo, dados os receios da sociedade portuguesa que o país se envolvesse numa guerra civil. Perceber se as expectativas dos organizadores do golpe, face ao apoio popular, eram superiores ao que se veio a verificar. Isto, conjugado com o abandono de alguns dos principais protagonistas face ao projeto de modelo político protagonizado, que veio a resultar no fracasso do golpe de 25 de novembro de 1975.

Manuel Ruivo

## Referência Bibliográfica

### I Fontes primárias

Diário de Lisboa, 25 novembro 1975, Nº. 55/18927. [Consultado em 25.11.2020]. Disponível em: [casacomum.org/cc/visualizador?pasta=06824.174.27405#!1](http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=06824.174.27405#!1), pp. 1-20.

Diário Notícias, 25 novembro 1975, Nº. 39329, Bobine nº. 33, (BNP), pp. 1, 3-4.

Diário Notícias, (2ª. Edição), 25 novembro 1975, Nº. 39329, Bobine nº. 33, (BNP), p. 1.

Expresso, 22 novembro 1975, Nº. 154, Bobine nº. 9, (BNP), pp. 1-2, 5, 12.

Expresso, 1 dezembro 1975, Nº. 155, Bobine nº. 9, (BNP), pp. 1-4, 7-11.

### II Bibliografia

CASTRO, Francisco – "A CEE e o PREC." In Penélope: revista de história e ciências sociais, nº. 26, 2002, pp. 123-157. [Consultado em: 2021.01.09]. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/194546>.

CASTAÑO, David – "A practical test in the détente: International support for the Socialist Party in de Portuguese Revolution (1974-1975)". In Cold War History, vol.15, Issue, 2015, pp.1-26. [Consultado em:2020.11.14]. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14682745.2014.932349>.

CRUZEIRO, Maria Manuela – "25 de NOVEMBRO- QUANTOS GOLPES AFINAL? Comunicação apresentada em 2005 no Colóquio sobre o 25 de Novembro, realizado no Museu da República Resistência (Lisboa)". In Centro de Documentação 25 de Abril. [Consultado em: 2020.11.01]. Disponível em: <http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=th10>.

GOMES, Pedro Marques – "A Dimensão Internacional da Transição Democrática em Portugal:A Influência da Europa". In População e Sociedade, n.º 34, 2020. [Consultad em: 2021.01.21]. Disponível em: <https://www.cepese.pt/portal/pt/populacao-e-sociedade/numero-atual-1/populacao-e-sociedade-n-o-34>.

PIMENTEL, Irene Flunser – 25 de Novembro de 1975, fazer a sua história, Público. (25. Nov. 2020).

REIS, António, SANTOS, Paula Borges, REZOLA, Maria Inácia – Dicionário de História de Portugal 25 de Abril. (Volume III). Lisboa: Figueirinhas, 2016.

ROSAS, Fernando – "Ser ou não ser. A Revolução portuguesa de 74/75 no seu 40.º aniversário". In FORUM 49/50, 2014/2015, pp. 5-15. [Consultado em: 2020.11.01]. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/forum/article/view/2306/2419>.

STOCK, Maria José – "O centrismo político em Portugal: evolução do sistema de partidos, génese do «Bloco Central» e análise dos dois parceiros da coligação". In Análise Social: Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, v. 21, nº. 85, 1985, p. 45-82. [Consultado em: 01.12.2020]. Disponível em: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/3786>

VARELA, Raquel – "Um, dois, três MFA" ... «o Movimento das Forças Armadas na Revolução dos Cravos – do prestígio à crise». In Revista Brasileira de História. Vol. 32 nº.63, São Paulo 2012, pp. 403-422. [Consultado em: 2020.11.14.11]. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v32n63/19.pdf>.